

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO: PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA II
PROFESSORA: GILDA GRUMBACH
ORIENTADORA: VALÉRIA WILKIE

95/2

EDUCAÇÃO RELIGIOSA NAS ESCOLAS:
INCONCEBÍVEL, ADMISSÍVEL
OU INDISPENSÁVEL?

Por:

Moisés Cordeiro Tavares

JUNHO/95
RJ

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
CURSO: PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA II

EDUCAÇÃO RELIGIOSA NAS ESCOLAS:
INCONCEBÍVEL, ADMISSÍVEL OU INDISPENSÁVEL?

Trabalho realizado em
cumprimento a exigência
da disciplina acadêmica
Monografia II - 8º Perí-
do do Curso de Pedagogia.

Por:

Moisés Cordeiro Tavares

JUNHO/95

RJ

Ainda que muito simples, ousou dedicar
este trabalho à imensa plêiade de
educadores deste nosso Brasil.

AGRADECIMENTOS

- A Deus, o Eterno e Soberano Senhor, de onde nos vem "toda a boa dádiva e todo o dom perfeito... [o] Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação (Tiago 1:17), sem cuja imensa graça não me teria sido possível chegar até aqui;

- Aos professores da Escola de Educação da UNI-RIO, pela dedicação, pelas portas sempre abertas ao diálogo, mesmo no rigor, enfim, pelo que semearam em nossos corações nestes anos de convívio;

- À Dona Dorvalina, minha genitora, já septuagenária, irreto-
cável exemplo de luta, constância e confiança;

- À Eliane, minha esposa amada, sempre dedicada, sorridente, incansável, até mesmo nas horas mais adversas, que, em sua ação sempre discreta qual agulha de costureira, veio tornar a mim possível esta caminhada, sem preocupar-se em ser divisada, a quem passo a dever a conclusão da jornada;

- À Ana Carolina, minha filha querida, de cuja companhia me furtei em preciosas horas durante anos muito importantes de seu crescimento e desenvolvimento;

- A meus irmãos, e amigos inumeráveis, que muito me apoiaram, cada qual com sua forma de contribuição, a quem, representando, cito: Sr. Anacleto, Idalcir, Ediber, Helena, Frederico e Oriot.

"Os céus proclamam a glória de Deus,
e o firmamento anuncia a obra das suas mãos."

Salmos 19:1

<u>SUMÁRIO</u>	<u>PÁG.</u>
INTRODUÇÃO.....	03
 <u>Capítulo I</u>	
RELIGIÃO: DEFINIÇÃO DO TERMO, ORIGEM E TEORIAS PSICO- LÓGICAS.....	05
1. Definição.....	05
2. Origem e história da religião.....	05
3. Teorias psicológicas do fenômeno religioso:	
3.1 A teoria de Freud.....	08
3.2 A teoria de Carl Jung.....	08
3.3 A teoria de Gordon Allport.....	09
3.4 A teoria de Anton Boisen.....	09
 <u>Capítulo II</u>	
A RELIGIÃO E O HOMEM.....	10
1. A experiência mística.....	10
2. Religião e saúde mental.....	11
3. Áreas da vida que o sentimento religioso envolve.....	12
 <u>Capítulo III</u>	
O APRENDIZADO DA RELIGIÃO E SUAS IMPLICAÇÕES.....	14
1. A diferença entre experiência religiosa e aprendiza do religioso.....	14
2. Implicações de ordem pessoal pelo aprendizado da re ligião.....	15
3. Implicações pelo aprendizado da religião ao nível coletivo.....	16
4. A religião e os interesses político-econômicos.....	16
 <u>Capítulo IV</u>	
O ENSINO DA RELIGIÃO NA ANTIGUIDADE.....	18
1. Povos com prática educacional não religiosa.....	18
1.1 A educação chinesa.....	18
1.2 A educação espartana.....	18
1.3 A educação ateniense.....	19
2. Povos que exercitaram o ensino religioso na educação....	20
2.1 A civilização hindu.....	20
2.2 A educação persa.....	20
2.3 A civilização egípcia.....	21
2.4 A civilização dos hebreus.....	21
3. Comparando os resultados dos diferentes grupos.....	23
 <u>Capítulo V</u>	
O ENSINO DA RELIGIÃO CRISTÃ À LUZ DA INTERPRETAÇÃO CA- TÓLICO ROMANA NA ERA MEDIEVAL E AS REVOLUÇÕES DA IDADE MODERNA.....	25
1. A educação medieval em resumo.....	25
2. As grandes descobertas que transformaram o mundo.....	26
3. O declínio da Igreja e o surgimento de uma nova con cepção da religião.....	27
4. A tentativa de melhoria das relações sociais sem a religião.....	28

Capítulo VI

O ENSINO DA RELIGIÃO NO BRASIL.....	32
1. Do Brasil-colônia à República.....	32
2. A influência dos pensamentos modernos em nossa educação.....	32
3. Fatores que nos têm "educado" na atualidade.....	33
4. O ensino religioso hoje.....	34

Capítulo VII

O FATOR RELIGIOSO E A VIOLÊNCIA — HAVERÁ RELAÇÃO?.....	36
1. Rebuscando os exemplos da Antigüidade.....	36
2. Motivos identificados que têm sido geradores de violência:.....	36
3. Religião e violência: qual a relação?.....	37

Capítulo VIII

O ENSINO RELIGIOSO PARA AS ESCOLAS DE HOJE — SUGESTÃO....	38
1. O Cristianismo: a opção correta.....	40
1.1 O que é o Cristianismo.....	40
1.2 Por que ter-se a Bíblia como fundamento da religião.....	42
1.3 O Cristianismo através da história.....	43
1.4 O Cristianismo em face a outras grandes religiões mundiais.....	45
2. O quê ensinar da doutrina cristã.....	46
2.1 A história da Criação; a Queda do homem; as leis de Deus.....	46
2.2 Os Salmos.....	47
2.3 Os Provérbios de Salomão.....	47
2.4 Os Evangelhos.....	47
2.5 Os Profetas e Cartas apostólicas.....	47
3. Quem deveria ensinar, e como ensinar.....	47
3.1 Quem deveria ensinar?.....	47
3.2 Como ensinar?.....	48
4. Por que ensinar-se conteúdo religioso nas escolas e não só nas igrejas.....	48
4.1 Porque o ensino na escola conta com a presença obrigatória da criança (e do jovem).....	48
4.2 Porque a tarefa da escola é educar integralmente.....	49
4.3 Porque o Cristianismo é, das grandes religiões, a que conhecemos.....	50
CONCLUSÃO.....	51
BIBLIOGRAFIA.....	53
APÊNDICE.....	55

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir da nossa preocupação com a mudança de comportamento em grande parte das mentalidades juvenis de nosso tempo, em que constatamos no relacionamento social um muito alto índice de violência e agressão em todos os sentidos e que começa, muitas vezes, no próprio ambiente familiar, permeando, a partir daí, todos os segmentos da sociedade. Neste quadro sombrio percebemos uma crescente ausência de afeto natural. Para nós este problema está para além da esfera meramente material ou econômica, ou mesmo ideológica ou ainda afetiva e entendemos que ele refere-se a algum desajuste de ordem espiritual, assunto afeito, naturalmente, à religião.

Pautamos nossa monografia no exame das condições em que a doutrina religiosa é ensinada em nossa pátria, tomando como modelo nossa Cidade, pois acreditamos tanto na validade e pertinência deste ensinamento quanto na sua contribuição para a melhoria da situação descrita acima.

Assim, nos propusemos a dar uma seqüência ao nosso estudo nestes moldes:

Definição, história e teoria da Religião; sua implicação na natureza humana, desde a antiguidade; a evolução do comportamento humano em relação ao tema; sua imprescindibilidade para a saúde mental; o dilema de sociólogos na busca de solução para os problemas sociais à parte da religião; e o ensino da religião no Brasil.

Procuramos mostrar, dentre as grandes religiões do mundo, o Cristianismo, e o porquê de sua preeminência sobre as demais confissões religiosas.

Nossa metodologia foi principalmente a pesquisa bibliográfica sobre a importância da religião na vida do ser humano, pro-

curando saber, ao nível pessoal e coletivo, as áreas da personalidade que a religião envolve, em que altera sua presença ou ausência, o comportamento humano.

Apresentamos também o relato de um breve contacto que mantivemos com um profissional da educação que atua na área religiosa em nosso Estado.

Nosso objetivo foi procurar constatar a medida de importância que tem a experiência religiosa na formação e na vida do ser humano, as implicações de ordem pessoal e coletiva que possam haver na ausência de formação religiosa, e a relação que é possível traçar entre a violência e a não religiosidade.

Por se tratar de um tema gerador de polêmica, e sobre o qual todos costumamos ser eivados de preconceito, vemos, desde já, a importância de que nos policiemos, no sentido de evitar ser influenciados por esta manifestação — quem lê e quem escreve (embora isto seja muito difícil).

Ao final, esperamos ter dado, ainda que uma pequena contribuição para um esclarecimento maior quanto à questão, e, se possível, com alguma diretriz segura que possa ser utilizada em tratos subsequentes ao tema.

I - RELIGIÃO: DEFINIÇÃO DO TERMO, ORIGEM E TEORIAS PSICOLÓGICAS

1. Definição

Antes de começarmos a considerar a dinâmica da religião na vida do ser humano, vamos nos ater a termos que procurem definir sua origem, em síntese, sua história, e teorias psicológicas acerca do fenômeno.

Segundo o escritor Merval Rosa, na obra Psicologia da Religião (1), há, literalmente, centenas de definições de religião.

Vejamos as que ele nos apresenta:

Segundo Leuba, que coletou quarenta e oito definições de religião, essas definições podem ser classificadas em dois grandes grupos: definições que encaram a religião como o reconhecimento de um mistério que exige interpretação, e definições que sugerem o tipo indicado por Schleiermacher, que define religião como o sentimento de absoluta dependência de Deus.
(...)

A definição de Sir James Frazer é (...) que 'religião é a propiciação ou conciliação de poderes superiores ao homem, que, se crê, dirigem o curso da natureza e da vida humana'. Como se verifica, segundo essa definição, religião consiste de dois elementos, um teórico e um prático, isto é, a crença em poderes maiores do que o homem e o desejo de agradar a esses poderes'. Diz o citado autor, no mesmo lugar: 'Obviamente, a fé vem primeiro, pois precisamos de crer na existência de um ser divino antes de procurarmos agradá-lo. Mas a não ser que a crença leve o homem à prática correspondente, ela não será uma religião, mas simplesmente uma teologia'.

Para Émile Durkheim, religião é um fato essencialmente coletivo. Diz ele: 'Religião é um sistema unificado de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, coisas separadas e proibidas — crenças e práticas que unem, numa comunidade moral chamada igreja, a todos aqueles que a ela aderem'.
(2)

2. Origem e história da religião

Os registros históricos e a Arqueologia nos dão ciência de

1 - Merval ROSA. Psicologia da Religião, p. 42

2 - Ibidem, p. 42

que o ser humano, desde os seus primórdios, sempre manifestou uma forte inclinação para o aspecto religioso em sua vida. Diversos são os pensadores que têm constatado esta característica.

O recentemente lançado Atlas da História Universal traz este registro:

Desde os primeiros tempos o homem tem deixado sinais de sua espiritualidade em pequenas ou grandes peças de arte.(3)

Merval Rosa, já citado, também afirma:

A religião tem sido uma das constantes preocupações da humanidade desde os seus primórdios. Em quase todas as culturas que hoje conhecemos, o fenômeno religioso está presente, em menor ou maior escala. (4)

Este fenômeno, todos sabemos, é manifesto sob diversas formas de culto a alguma ou algumas divindades, tais como a adoração a elementos da natureza e aos astros, a invocação de espíritos, as oferendas de objetos, a entrega do próprio corpo em sacrifício, o derramamento de sangue de animais e de crianças e adultos em oferta, o culto a ídolos, etc.

M. Rosa assevera que a psiquiatria e a psicanálise também vêm atestar a importância da religião na vida do homem, visto que "os estudos da antropologia cultura parecem indicar que expressões religiosas existem praticamente em todos os níveis da civilização" (5), expressando-se, em princípio sob a forma de bruxarias, danças, magias, cânticos, etc., até que finalmente teria vindo a fase altamente evoluída: o homem passou a elaborar explicações mais racionais do universo, dando, assim, origem à filosofia e à formação das chamadas religiões superiores.

3 - Atlas da História Universal - O Globo, Empr. Jornalística Brasileira Ltda., p. 4

4 - Merval ROSA. Psicologia da Religião, p.41

5 - Ibidem, p. 41

Em todas as culturas há formas de comportamento religioso, com grandes diferenças entre si quanto às crenças e práticas, mas também com muitas similaridades entre elas, o que viria sugerir a existência de um fator comum à experiência religiosa de todos os homens, quer seja pela universalidade das necessidades humanas, quer seja "pela tendência à unidade e completação do homem como ser finito que é, e a consciência da existência de um poder transcendental operante no mundo, se bem que intangível". (6)

Para M. Rosa, seria difícil dizer qual a forma do fenômeno religioso mais primitiva. Seu início teria sido com a concepção de "uma força vaga, impessoal, mecânica, que controla os destinos do universo". (7)

Para Edward Taylor, o animismo seria a forma básica da religião primitiva. (8)

Para outros, ainda, a magia é a forma mais primitiva e elementar da religião, estando ainda presentes "em forma imatura da religião do homem civilizado". (9)

O totemismo aparece também como outra forma de religião primitiva, sendo difícil explicar sua origem. Seria uma "tentativa de explicar a concepção e o nascimento de um ser vivo". (10).

Herbert Spencer tem no "culto do antepassado" o princípio de toda religião, embora esta tese não seja de todo defensável, visto que esta prática "desempenha papel relativamente insignificante na religião do homem primitivo". (11)

A personificação da natureza e sua conseqüente adoração também parece haver desempenhado importante papel no desenvolvimento das idéias religiosas do homem.

E, por fim, uma das idéias fundamentais que deram origem à religião é a idéia do misterioso. O homem, antes mesmo de saber

6 - Ibidem, p.42
7 - Ibidem, p.44
8 - Ibidem, p.44
9 - Ibidem, p.45
10 - Ibidem, p.45
11 - Ibidem, p.46

"verbalizar sua concepção de vida e do universo, já indicava sua preocupação com o *mysterium tremendum et facinans* que o envolve" (12).

A religião seria a resposta do próprio homem a este mistério que dá pavor, ao mesmo tempo em que o fascina e atrai.

3. Teorias psicológicas do fenômeno religioso

3.1. Teoria de Freud

Para Freud a experiência religiosa não é nada mais do que "conflitos que o ser humano experimenta no processo de seu desenvolvimento psicológico" (13).

Sua concepção era de que o sentimento religioso é carregado de culpa, e que a certa altura a criança procura afirmar-se como pessoa e daí há um desvio dos padrões estabelecidos pela autoridade paterna, que se expressa em desobediência, que gera a culpa.

Para Freud, Deus seria apenas a imagem magnificada do pai, e a religião, "nada mais do que uma regressão à dependência infantil" (14).

3.2. Teoria de Carl Jung

Para este, "a experiência religiosa resulta do inconsciente coletivo que, por sua vez, é composto de energias dinâmicas e de símbolos de significação universal" (15).

A expressão "inconsciente coletivo" significaria inconsciente racial; (seria no sentido da existência — mas inconsciente — de toda uma raça ou coletividade no inconsciente).

O conceito de Deus para Jung "é mais ou menos a soma das forças que impelem o homem à realização dos seus ideais mais nobres. Ele não fala de alma no sentido individual, e sim, do

12 - Ibidem, p. 47

13 - Ibidem, p. 57

14 - Ibidem, p. 58

15 - Ibidem, p. 64

Ibidem, p.

inconsciente coletivo da raça humana" (16).

3.3. A teoria de Gordon Allport

Este psicólogo, que chegou a ser presidente da American Psychological Association, enfatiza a natureza única de cada indivíduo, ou seja, a personalidade não poderia ser reduzida a medidas quantitativas, traços ou abstrações. Cada pessoa tem seu próprio estilo, contrariamente a qualquer forma de coletivismo.

Allport dá maior realce aos alvos do futuro do que ao determinismo do passado. Ele vê na religião um fator de interpretação da personalidade. O aspecto intelectual da experiência é mais discutido do que o emocional. Ele investiga a evolução espiritual do homem, desde as concepções da criança até ao amadurecimento na vida adulta.

3.4. A teoria de Anton Boisen

Tendo sido pastor de igrejas rurais e trabalhado durante a primeira guerra mundial com a Associação Cristã de Moços, este psicólogo escreveu sobre sua própria experiência religiosa, tendo aí entrado em crise esquisofrênica. Mais tarde ele identificou a esquisofrenia como sendo a experiência religiosa como tentativas de integração do "eu".

Boisen apresenta a interpretação psicológica dos fatos religiosos em comum acordo com Freud quanto ao fato de esta experiência se originar de um conflito, porém, não no sentido neurótico e regressivo de fuga, como o era para este, mas sim, "oferecendo cura satisfatória e completa do conflito através da crise, que leva o indivíduo a maior responsabilidade ética e a lealdades mais nobres". (17).

16 - Ibidem, p.64

17 - Ibidem, p.69

II -- A RELIGIÃO E O HOMEM

Nas próximas linhas procuraremos demonstrar o significado da experiência mística, a relação da experiência religiosa com a mente, e as áreas da vida ou envolvidas pela experiência religiosa.

1. A experiência mística

M. Rosa, escritor já citado, afirma que quase todos os psicólogos da religião reconhecem que a experiência mística é um dos elementos centrais na vida religiosa. Para alguns, esta experiência é algo de grande mérito, enquanto que para outros não passa de pura fantasia, ou até mesmo uma espécie de loucura, ou ainda, uma relíquia da superstição da Idade Média e da mente primitiva. A este respeito, citamos estas linhas:

Apesar das divergências de interpretação, o misticismo continua a despertar grande interesse nos estudiosos da psicologia dos fenômenos religiosos. Uma das razões por que não se pode ignorar este assunto é sua tremenda significação para a vida da pessoa que diz haver tido uma experiência mística. Não há experiência que deixe marcas mais profundas na vida de um homem do que essa. Outra razão por que não se pode ignorar este fenômeno é seu caráter universal. A história religiosa do homem revela que a experiência mística existiu, praticamente, em todas as formas religiosas que a humanidade tem praticado. Encontramos o misticismo na Índia, tanto na tradição hinduísta como na tradição budista. Na China temos o misticismo representado em Lao-Tzê. Na cultura grega e helenística, temos Platão e o neoplatônico Plotino. Entre os judeus Filo e os kabalistas... Na tradição cristã, podemos distinguir dois grandes períodos do misticismo: a Idade Média e o Século XVII. No mundo católico, mencionamos os nomes de Francisco de Assis, um dos maiores místicos de todos os tempos e inspirador de um dos movimentos religiosos mais expressivos dentro da Igreja Católica (18).

A experiência mística, não aceita pela ciência, dada sua característica pessoal e subjetiva, e logo, não detectável pelos

18. - *Ibidem*, p. 182

métodos científicos, não pode, no entanto, ser negada, por ser uma experiência presente na vida de todos os povos, praticamente, não se tratando, como vimos, de algo vulgar mas fatos sempre marcantes na vida das pessoas envolvidas.

A propósito, apresentamos abaixo duas definições breves do termo misticismo, segundo Walter Clark, citado por M. Rosa:

'Misticismo é o senso da percepção de um ser ou de uma realidade através de meios que não os processos perceptivos ordinários, ou pelo uso da razão' (James B. Pratt) e 'a experiência subjetiva da apreensão direta de alguma forma ou de um poder cósmico maior do que o indivíduo que a experimenta (19).

Por estas definições percebemos, mais uma vez, o conteúdo real da experiência mística, embora não seja constatável pela razão.

2. A religião e a saúde mental

M. Rosa argumenta que entre o psiquiatra e o ministro religioso há uma relação cada vez mais estreita, significando isto um atestado de reconhecimento de que a religião desempenha papel importante no desempenho da personalidade e pode constituir-se fator primordial no equilíbrio de suas funções psíquicas. O ministro de religião é hoje parte integrante da equipe de saúde nos grandes hospitais e clínicas. Religião e saúde mental do homem sempre esteve intimamente relacionados.

Outra razão para se crer neste fato, é que, através dos tempos, as doenças mentais foram, por longos séculos, associadas com "possessões demoníacas". M. Rosa acrescenta a esta declaração que esta crença vem desde a Idade da Pedra, e atingindo aos mais altos graus da civilização, como os chineses, egípcios, hebreus e gregos, de modo que quando havia sintomas de que o indi

viii. "Possessões demoníacas" - M. Rosa, op. cit., p. 182.

víduo estava possesso de um "bom espírito" era, via de regra, tratado com muita veneração e respeito. (20).

A atitude humanística e humanitária com que se trata as doenças mentais é recente. Reconhecemos, particularmente, a realidade das possessões demoníacas, no entanto, há casos e casos, o que não era, dantes, reconhecido.

3. Áreas da vida que o sentimento religioso envolve

A psicologia da religião se preocupa em delimitar quais as áreas em que a religião exerce sua influência no ser humano.

Toda experiência humana é resposta a algum estímulo. A psicofísica se encarrega de "determinar o limiar da consciência de determinadas realidades, ou seja, o ponto em que o organismo se torna sensível a essa realidade" (21). Não discorreremos sobre esta ciência. Apenas a abordamos para registrar que há experiências sobre as quais não é difícil determinar os estímulos que a tornam possível e a reação do organismo. Mas no caso da experiência religiosa, M. Rosa afirma que não é fácil determinar o estímulo que a produz. Ele cita Albert C. Knudson que "distingue quatro tipos de experiências: sensorial, estética, moral e religiosa (...). O homem possui capacidade inata para cada um desses tipos". (22) Johnson, outro autor citado por M. Rosa no mesmo texto, afirma que a experiência religiosa é uma potencialidade sem conteúdo específico, consistindo apenas na capacidade de o homem ter tal experiência (23).

Para Frank S. Hickman, outro autor, a volição, o sentimento e o pensamento são as principais fases da experiência religiosa, não se tratando, ordinariamente, de uma experiência diferente das outras de ordem psicológica, acrescentando o já citado Johnson que os traços que a distinguem são: 1) tratar-se de uma ex-

20 - Ibidem, p. 225

21 - Ibidem, p. 49

22 - Ibidem, p. 50

23 - Ibidem, p. 50

periência que envolve idéia de valor; 2) ter uma referência divina; 3) ser uma resposta social, dando-se nela "o confronto do homem com o Tu numa relação potencialmente criativa".(24)

Percebemos, então, que a experiência religiosa, ainda que faça parte da estrutura humana, é de difícil definição, inclusive em relação ao estímulo que a produz. Ela mostra ser semelhante a outras experiências psicológicas, exigindo a manifestação da vontade, do pensamento e do sentimento, e parece produzir os resultados esperados em uns, enquanto não em outros.

Um fato digno de ser notado é que a participação do indivíduo é tal com a religião, muitas vezes, que ele é capaz de deixar necessidades em expectativa, mostrando a intensidade ou profundidade do seu envolvimento.

III - O APRENDIZADO DA RELIGIÃO E SUAS IMPLICAÇÕES

Nas linhas que se seguem estaremos abordando a diferença entre experiência e aprendizado, além das implicações de ordem pessoal e coletiva na vida da pessoa, e ainda, os interesses políticos que se utilizam da religião.

1. A diferença entre experiência religiosa e aprendizado religioso

Os dicionários definem experiência, dentre outras coisas, como "ato ou efeito de experimentar (-se); prática da vida; conhecimento que nos é transmitido pelos sentidos". (25) O uso deste termo traz sempre o significado de envolvimento dos sentidos no conhecimento de algo de maneira prática. Experimentar seria saber palpavelmente, tocar e ser tocado; sentir.

Aprender. Este termo também envolve os sentidos. No entanto, seu significado é mais restrito à esfera intelectual. Para A.B. Holanda, dentre outras coisas, aprender é "tomar conhecimento de; reter na memória mediante estudo, a observação ou a experiência". (26)

É interessante observarmos que dentro das próprias definições se estabelece, em regra geral, o fato de que aprendemos também mediante a experiência, ao mesmo tempo em que não experimentamos mediante apenas o aprendizado.

Aprendizado e experiência religiosa são valores diferentes. Vimos, linhas atrás, que não é fácil determinar-se o estímulo que produz a experiência religiosa. O homem tem esta potencialidade inata em sua natureza, sendo ela de caráter subjetivo. Já o aprendizado, no estrito sentido do termo, é inteiramente palpável, detectável.

Logo, o aprendizado religioso não implica necessariamente em

25 - Aurélio B. H. FERREIRA - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa

26 - Ibidem.

experiência religiosa. Pode-se aprender regras e preceitos sem, no entanto, que se tenha adquirido experiência, vivência.

Com relação ao ensino da religião:

O ensino não leva à experiência, leva ao aprendizado; a experiência pode ou não decorrer do aprendizado. A título de exemplo: um homem pode aprender sobre eletricidade e buscar experimentá-la, ao passo em que outro poderá experimentá-la acidentalmente, sem nunca ter ouvido a seu respeito.

Doravante, estaremos falando do ensino da religião, sem que isso implique em experiência religiosa necessariamente, da parte dos que estiverem sujeitos a tal ensino.

2. Implicações de ordem pessoal pelo aprendizado da religião

M. Rosa (27) cita Gordon Allport e William James, psicólogos, para quem a religião é algo tipicamente individual. Allport não apresenta uma definição formal do tema, tendo, no entanto, salientado sua ênfase sobre a experiência pessoal. W. James, ao contrário, afirma que:

no sentido mais amplo e em termos gerais, pode-se dizer que a vida religiosa consiste na crença de que existe uma ordem indivisível e que nossa felicidade suprema consiste em pormo-nos em harmonia com essa ordem em que cremos. (28)

E em consonância com sua posição teórica, expôs também:

Religião, portanto, como eu agora arbitrariamente vos peço admitir, significará para nós os sentimentos, atos e experiências de indivíduos em sua solidão, enquanto se percebam a si mesmos em relação com quem quer que seja que eles considerem divino. (29).

27 - Merval ROSA. Psicologia da Religião, p. 43.

28 - Ibidem, p. 43

29 - Ibidem, p. 43

3. Implicações do aprendizado da religião ao nível coletivo

Anteriormente citamos o testemunho de Durkheim, para quem religião era algo essencialmente coletivo, com o poder de unir entre si, por meio de crenças e práticas, aqueles que a elas aderem.

Corroborando com este ponto de vista, o escritor Karl C. Garrison cita o pensamento de Arthur L Swift:

Nenhuma nação pode ser verdadeiramente unida, a menos que todos os seus cidadãos compartilhem seriamente de uma fé comum, do conhecimento conjunto de um objetivo maior que o de um único grupo, de um sentido de respeitabilidade e do dever para com a probidade e a justiça que transcendem à própria nação e dele faça um só corpo de pessoas. (30).

Este autor lembra, mais adiante, o objetivo das grandes religiões: "instilar na juventude (e nos adultos) um sentido de propósito e responsabilidade para com uma sociedade maior que o indivíduo". (31) Cada ato, cada movimento na comunidade religiosa tem a preocupação de elevar o caráter, transmitir responsabilidade, amor e reverência pelo espírito humano, por seus sonhos e suas esperanças.

4. A religião e os interesses político-econômicos

Karl Marx conceituou religião como ópio do povo. Ele via em toda manifestação religiosa uma espécie de fuga da realidade presente. Acreditava que as classes subalternas, não vendo como libertar-se do jugo que lhes era imposto pelas elites dominantes, refugiava-se na fé, na religião, buscando, desesperadamente, superar seus conflitos e sua suposta infelicidade pessoal. Enquanto isto, as classes dirigentes tiravam proveito desta situação, mantendo o status quo, visto que o Cristianismo não fomenta reações a injustiças sofridas, pela agressão, pela confront

30 - Karl C. GARRISON e Outro - Psicologia da Criança, p. 315

31 - Ibidem, p. 315

tação. Pelo contrário, a Carta Magna do Cristianismo ensina que o cristão deve "estar sujeito a todo poder temporal" (Rom.13:1) (32) e ainda, a "interceder por todos os que estão em eminência" (I Tim.2:2). (33)

Evidentemente que esta postura passiva ao nível de reação física vem facilitar a governantes que queiram utilizar-se da religião como um aparelho ideológico.

A esta altura há que se ressaltar uma coisa importante: o valor da religião na vida do ser humano é, conforme já vimos, incontestado. Se eventuais governantes se utilizam deste meio para fins políticos, é outra coisa.

Dermeval Saviani é um escritor que confirma o mal uso da religiosidade do povo por parte das elites. Senão, vejamos:

A violência simbólica se manifesta de múltiplas formas: a formação da opinião pública através dos meios de comunicação de massa, jornais, etc., a **pregação religiosa** [grifo meu]; as atividades artística e literária, a propaganda e a moda; a educação familiar, etc... (34)

Ora, é evidente que isto acontece. No entanto, este fato não nega a importância, a validade, o respeito e atenção que se deve conceder ao lado espiritual humano, assistido por meio da religião.

32 - A Bíblia Sagrada

33 - Ibidem

34 - Dermeval SAVIANI. Escola e Democracia, p. 30

IV - O ENSINO DA RELIGIÃO NA ANTIGUIDADE

Neste capítulo estaremos fazendo uma comparação entre a presença e a ausência da instrução religiosa na formação de um povo. Citaremos alguns exemplos do caráter da educação primitiva, para que tenhamos uma visão maior da extensão de seus resultados.

1. Povos com prática educacional não religiosa

1.1. a educação chinesa

O sentido da educação deste povo era meramente materialista, sem nenhuma significação de ordem religiosa e sem nenhum ideal transcendente.

O historiador Ruy de Ayres Bello declara:

Nenhum povo teve, talvez, maior apego às tradições, nenhuma civilização se desenvolveu num sentido tão invariável como a chinesa, e isso se deveu, sobretudo, à contribuição da escola, que orientou a educação das gerações novas no sentido da mais inalterável uniformidade, como se as mentalidades fossem todas plasmadas nas mesmas fôrmas.

A educação chinesa foi, assim, inteiramente vazia de conteúdo ideológico e de significação transcendente.

Esse vazio da educação chinesa não era apenas sob o aspecto intelectual que se manifestava. Também a educação moral — seria mais certo dizer instrução moral — era inteiramente formalista. O que se aprendia nas escolas chinesas não tinha nenhum sentido de formação, de educação propriamente dita. Tudo era exterior e formal. É que, como disse Compayré, entre os chineses a vida não era mais do que um cerimonial minuciosamente fixado e pontualmente executado. (35)

1.2. Outro exemplo que cabe aqui é o de Esparta, na Grécia. Esta cidade-estado, com classes sociais estáticas, tinha objetivos educacionais nos seguintes moldes, como afirma R.A. Bello:

meramente estatais e exclusivamente militaristas, não cuidando de formar o homem, mas, apenas, o soldado, desprezando todos os atributos essenciais da pessoa humana, para cuidar tão-somente da força física e

35 - Ruy de Ayres BELLO. Pequena História da Educação, p.29

das outras qualidades consideradas necessárias ao exercício das armas, como a bravura, a astúcia, a indiferença ante o sofrimento, a disciplina, o espírito de sacrifício e de renúncia a todos os direitos individuais em proveito exclusivo dos interesses do Estado. (36)

Os espartanos valorizavam também a expressão corporal e os esportes.

Em relação a este povo, à guisa de conclusão Bello diz:

Apreciando com absoluto senso de senso de objetividade, os resultados produzidos pela educação espartana tão injustificadamente exaltada por certos historiadores modernos, sobretudo os alemães, escreve H.L.Marrou: 'Tanto esforço não serviu senão para camuflar uma decadência que se verificou de geração em geração... e à medida que Esparta declina, sua educação se torna mais e mais totalitária: longe de ver nessa educação um caminho seguro para engendrar a grandeza, eu nela denuncio a impotência radical de um povo vencido que se alimenta de ilusões'.

Na história da educação, o exemplo de Esparta serve, apenas para demonstrar o aviltamento a que se condena todo trabalho educativo que não se fundamenta numa base moral, não se inspira na concepção espiritual da natureza humana, e se confunde com o simples adestramento dos animais irracionais [grifo meu]. (37)

1.3. A educação ateniense. Atenas é outra cidade que, num determinado período de sua história olvidou os valores religiosos. Segundo registros históricos, antes de Péricles, a cidade cedia espaço para o desenvolvimento de certas virtudes morais e para a expressão religiosa, tais como: o autodomínio, a modéstia, a paciência, a fortaleza, a coragem, a lealdade, a devoção aos deuses, etc. R.A.Bello afirma que, a partir de Péricles Atenas viu suas condições de vida melhoradas, com o desenvolvimento da indústria e o comércio, ocasião em que os interesses individuais passaram a se sobrepor aos do Estado, "chegando-se ao extremo de não se visar com o trabalho educativo a nenhum fim que não fosse o bem-estar do próprio indivíduo". (38) Assim, os atenienses, ao renunciarem aos anti-

36 - Ibidem, p. 44-45

37 - Ibidem, p. 47

38 - Ibidem, p.47

gos valores, até os fins religiosos da antiga educação foram sacrificados aos interesses individuais, diz Bello, acrescentando:

Segundo escritores gregos antigos, o resultado dessa nova tendência veio a traduzir-se mais tarde na indisciplina social, na irreverência perante o Estado e a religião, no culto desmedido dos prazeres e das comodidades individuais. (39)

2. Povos que exercitaram o ensino religioso na educação

Examinemos agora sociedades cuja educação se tenha caracterizado pela forte influência religiosa.

2.1. a civilização hindu

R. Bello nos apresenta este povo, de cultura milenar, com castas sociais consagradas pelos Vedas (os livros sagrados), fixando de modo definitivo a vocação social dos indivíduos, e logo, toda sua educação. E dessa forma, apesar da estratificação social estanque, estabelecida em quatro castas, o povo convivia sem que este grave fator produzisse conflitos. (40)

2.2. a educação persa

Esta nos dá um exemplo da mescla político-religiosa em sua prática educacional. Aqui foram unidos os ideais religiosos com os ideais cívicos. Bello declara que na Pérsia:

não havia distinção entre a educação religiosa e a educação cívica ou nacional, como não havia distinção entre a ordem temporal e a ordem espiritual, desde que o Estado persa era, de certo modo, uma entidade religiosa, pois a religião de Zoroastro fazia do Estado a própria encarnação de Ormuzd, o princípio do bem, oposto a Arimã, o princípio do mal. (41)

39 - Ibidem, p. 56

40 - Ibidem, p. 34-35

41 - Ibidem, p. 35

Na verdade, o Estado persa utilizava inclusive a religião para assegurar o poder e a influência do Estado sobre a nação. Neste caso a religião era (como em quase todos os casos), segundo a interpretação e os interesses dos chefes ou líderes do povo.

2.3. a civilização egípcia

Uma das mais antigas do mundo. Desenvolveu-se também com privilégios de classe e uma formação acentuadamente religiosa, além de ampliar grandemente seus conhecimentos na matemática, medicina, mecânica, agricultura, arquitetura, música, pintura e escultura.

É fato que a posição geográfica estratégica cooperou fundamentalmente para a conservação deste povo, no entanto, em comparação com povos não religiosos, que praticamente se auto-destruíram por cultivarem apenas o lado animalesco do homem (como em Esparta), os egípcios foram altamente influenciados por sua profunda concepção religiosa da vida. Apresentamos, novamente, R. Bello, que sobre o trabalho educacional egípcio afirmou: "Toda educação era dominada pelo espírito de religião e misticismo". (42)

2.4. a civilização dos hebreus

Neste item deveremos nos estender um pouco mais, por se tratar do povo que mais tem a ver com a nossa civilização.

É ainda R. Bello quem diz:

...a nosso ver, é a educação hebraica que parece mais representativa da transição da educação primitiva para um estágio mais perfeito. (43)

42 - Ibidem, p. 38

43 - Ibidem, p. 23

Sendo portador de uma história muito acidentada, cheia de reveses, o povo hebreu é conhecido por sua mentalidade profundamente religiosa, e pelo fato de procurar traduzir essa mentalidade em todos os atos de sua vida. Bello declara:

Consciente da missão extraordinária para que fôra escolhido pela Providência Divina, a missão de depositário da Revelação, feita a seus profetas, o povo hebreu procurou viver toda a sua vida em ordem a essa gloriosa predestinação. Em consequência, toda a educação hebraica tinha como objetivo dominante o conhecimento e a prática da lei de Deus. Nos preceitos das Escrituras estava indicado o fim supremo que a educação deveria colimar: 'Ama ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças. E este mandamento que eu agora te dou deve permanecer em teu coração e tu o deves, com toda diligência, ensiná-lo a teus filhos'.

Possuía, também, a educação hebraica objetivos de ordem prática e econômica, uma vez que nos primitivos estágios da civilização, toda a economia era de base exclusivamente doméstica, devendo, por isso, os pais preparar os filhos para os misteres e ofícios da vida prática.

Os ideais cívicos estavam, também presentes na atividade dos hebreus. Aliás, vivendo os hebreus sob o regime de uma teocracia, os ideais de religião e os de civismo quase que se identificavam ou confundiam na mentalidade daquele povo. (44)

A forma de educar do hebreu começava no seio da família, sendo que os pais e os mais velhos controlavam a vida da criança. A integração da criança consistia, sobretudo, na sua integração nas práticas rituais e no pensamento religioso que a dominavam. O próprio lar era o ambiente religioso que a criança tinha antes do sacerdócio ser instituído. E havia também todo um complexo cerimonial religioso que envolvia essa criança.

Ruy A. Bello acrescenta:

44 - Ibidem, p. 24-25

A par disso, apresenta a educação hebraica, sob diversos aspectos, vários indícios de progresso. A religiosidade de que se revestia não era mais o grosseiro fetichismo dos primitivos, mas um monoteísmo racional da mais alta significação, do ponto de vista da formação moral e intelectual [grifo meu]... embora a matéria de estudo fosse ainda de natureza religiosa e prática, já obedecia, entretanto, a uma certa sistematização e veio logo depois a desenvolver-se, incluindo a habilitação para ler e escrever; passava a educação a ser ministrada de maneira sistemática, em institutos que possuíam quase todas as características de uma verdadeira escola, e, por fim, apesar de a educação hebraica orientar-se, como a primitiva, num sentido tradicionalista, o tradicionalismo hebraico não era uma coisa inteiramente estática, uma acomodação rígida e passiva das novas gerações ao estilo de vida dos antepassados, incompatível com qualquer idéia de progresso, como acontecia entre os primitivos.(45)

3. Comparando os resultados dos diferentes grupos

Sem nos atermos à qualidade do ensino nos casos acima, examinemos os frutos na vida prática, pessoal e coletiva.

As nações que se dedicaram exclusivamente a aprender as formalidades da vida em sociedade ou o treinamento bélico, ou ainda o culto à beleza exterior, vemos que auferiram sucesso em seu intento imediato. No entanto, por outro lado acabaram formando sociedades apenas imediatistas, que rápido entraram para a história... ou, quando muito, desenvolveram um rico aspecto do ser humano, esquecendo-se de outro (o da voluntária expressão religiosa, como no caso do povo chinês com sua educação vazia de conteúdo transcendente).

Esparta, por sua vez, desprezando alguns dos atributos essenciais da pessoa humana e disciplinando seus filhos no espírito exclusivamente militarista acabou por declinar, porque houvera, ironicamente, formado apenas soldados...

Já Atenas, muito embora houvesse, a princípio, conseguido o que poderíamos chamar de ideal, tornando-se o expoente mais

45 - Ibidem, p. 27-28

claro e mais perfeito dos ideais helênicos de formação, veio, a partir de Péricles, a cometer o erro do extremo individualismo pedagógico, esquecendo-se a finalidade social do trabalho educativo, o que veio resultar, segundo escritores gregos antigos, na irreverência perante o Estado e a religião, no culto desmedido dos prazeres e das comodidades individuais.

Não pode ser coincidência! As nações que se preocuparam com sua formação religiosa vieram mostrar uma maior ordem interna e uma unidade incomparavelmente mais duradoura, ainda que o referido ensino fosse só para atender a interesses políticos. A vantagem, a olhos vistos, estava na manutenção da ordem, no controle do comportamento de seus cidadãos, que mais dificilmente se desestruturariam, unindo duas coisas: afinidade de propósitos (pela religião) e vida cheia de significado (pela liberdade de expressão).

V - O ENSINO DA RELIGIÃO CRISTÃ À LUZ DA INTERPRETAÇÃO CATÓLICO
-ROMANA NA ERA MEDIEVAL E AS REVOLUÇÕES DA IDADE MODERNA

1. A educação medieval em resumo

O Cristianismo, desde os seus primórdios, realizou uma grande transformação espiritual no mundo com repercussão direta na educação que passou de estatal a personalista, e um direito de todos os cidadãos, abrangendo o homem em toda sua complexa realidade.

R.A.Bello descreve a grande obra educacional do Cristianismo até o século III, argumentando que quando o Império Romano sofreu a invasão dos bárbaros, toda esta grandiosa obra foi "profundamente perturbada" (46), dando conta disso São Gregório de Tours (século VI) que escreveu dizendo que o estudo das letras haviam desaparecido completamente, enquanto que as boas e as más ações eram praticadas impunemente, com acontecimentos trágicos. Inclusive, toda a obra da civilização e da cultura esteve a ponto de desaparecer, cabendo à Igreja a preservação de uma grande parte do patrimônio intelectual do Ocidente.

A esta época surge o estilo monástico de vida, associado à educação, onde se ensinava Gramática, Retórica, Dialética, Matemática, Geometria e Astronomia. (47) Havia escolas masculinas e femininas, e mosteiros foram fundados por toda a Europa. Carlos Magno (772-814) veio empreender um esforço no sentido de unificar a civilização ocidental, com o que contou com a ajuda da Igreja, e apelou às autoridades religiosas no sentido de que cada mosteiro e abadia tivesse sua escola onde os meninos pudessem receber o ensino dos Salmos, a Música, Aritmética e Gramática. Durante o período medieval veio surgir a Escolástica, uma filosofia das escolas, "um estilo de vida e uma disciplina intelectual [que] salvou a Europa do suicídio moral, da ignorância e

46 - Ibidem, p. 117

47 - Ibidem, p. 119

da sensualidade". (48) Note-se que este também é o período de Tomás de Aquino (1225-1274), o chamado "anjo das escolas". (49)

Paulatinamente esta estrutura foi sendo minada por questionamentos que já apontavam para uma mudança paradigmática no alvorecer do Renascimento, mas esta estrutura do medievo foi suficiente para transmitir a herança do passado e constituir ou tro elo da civilização. (50)

2. As grandes descobertas que transformaram o mundo

A partir do final do século XIV o mundo começou a passar por muitas mudanças que causaram a desagregação da sociedade medie val. A. Pedro e F. Cáceres, em sua **História Geral**, afirmam:

No plano econômico assistimos à derrocada da economia feudal e ao renascimento do comércio...

No plano social, temos o desenvolvimento de uma camada de mercadores e o progressivo declínio da nobreza feudal.

No plano político, ocorre progressivamente uma centralização do poder nas mãos dos reis. As soberanias feudais locais vão desaparecendo. O rei, aliado aos mercadores, vai sujeitando à sua autoridade o poder da nobreza feudal e da Igreja.

No plano religioso, assistimos ao declínio da Igreja, com o surgimento de uma série de movimentos que irão culminar com a Reforma Protestante.

No plano cultural, temos o Renascimento Cultural ou Renascença.

Todas estas transformações que ocorrem na Europa Ocidental, a partir do século XIV, estão intrin secamente ligadas entre si e atuando umas sobre as outras. (51).

Diante disso surgiu na Europa uma nova ordem na economia, com a ascensão da burguesia, que, posteriormente, virá provocar o embate desta classe com o proletariado. A partir da Itália, todo o mundo europeu passou a conviver com um imens o cres cimento da economia e a prosperidade das cidades. Antonio Pedro afirma que o poder das cidades e dos mer dadores veio a se interpôr ao campo, onde dominavam os senhores feudais, cuja der rota foi o primeiro passo da nascente burguesia italiana.

48 - Ibidem, p. 125

49 - Ibidem, p. 127

50 - Ibidem, p. 123

51 - Antonio PEDRO e F. CÁCERES. História Geral, p.125

3. O declínio da Igreja e o surgimento de uma nova concepção de religião

As grandes transformações do mundo desde o século XV estabeleceram o fim da Idade Média, inaugurando a Renascença, que se caracterizou pelo início do afastamento da idéia de Deus na cultura. Foi "a revolta da ciência contra a fé" (52), quando "as filosofias materialistas e céticas que surgiram (...) atingiram proporções máximas..." (53)

No Renascimento novos valores foram criados. Copérnico através de sua descoberta abalou o conceito de que a terra era o centro do universo, o que veio a ser reiterado mais tarde por Galileu Galilei, trazendo grandes dificuldades para a "verdade" do geocentrismo defendida pela Igreja.

O resultado de toda esta revolução foi o surgimento de uma cultura que A. Pedro caracteriza por "leiga, antropocêntrica e humanista", em oposição à cultura eminentemente religiosa e teocêntrica do mundo medieval". (54) Esta postura humanista condenava o que a Igreja pregava como suprema virtude do homem: a prática da humildade, obediência a Deus e à autoridade eclesiástica e terrena, pois isto equivalia a um auto-aniquilamento. A. Pedro assevera ainda que o homem renascentista, em contraposição ao medieval, era consciente de si mesmo e de suas obras, fossem elas quais fosse. O julgamento de suas qualidades seria baseado em sua própria capacidade criadora. E arremata: "tal critério era essencialmente anti-religioso, pois participava do princípio de que se deviam as conquistas humanas ao próprio homem e não a uma força suprema. (55)

52 - Ibidem, p. 126

53 - Ibidem, p. 126

54 - Ibidem, p. 126

55 - Ibidem, p. 130

4. A tentativa de melhoria das relações sociais sem a religião

A partir do final do século XVII surgiu um movimento cultural que se desenvolveu no século XVIII, chamado Iluminismo. Este movimento tinha como fundamento o uso e a exaltação da razão, atributo pelo qual o homem poderia apreender o universo e aperfeiçoar a sua condição humana. Considerava-se que os objetivos do homem racional fossem o conhecimento, a liberdade e a felicidade. No Iluminismo, idéias relativas a Deus, à razão, à natureza e ao homem receberam uma nova visão de tal modo que vieram gerar avanços revolucionários na arte, na filosofia e na política.

Do seio do Iluminismo surgiu o Enciclopedismo, considerado a filosofia materialista das luzes. Para este movimento, "as idéias, as ideologias, as concepções de mundo, são produto das circunstâncias sociais em que vivem os homens. São as circunstâncias materiais que produzem a consciência, as idéias ou as ideologias". (56) Os enciclopedistas (a cuja escola pertenceram pensadores como Diderot, Voltaire e Rousseau), acreditavam que os preconceitos, os dogmas conhecidos e a ignorância do povo fossem resultado das circunstâncias materiais em que viviam, e passaram a crer que a única solução para este problema seria encontrarem uma figura excepcional que estivesse acima da sociedade, acima das circunstâncias, que tivesse a força suficiente para transformar as forças materiais, criando um novo sistema aonde se produziriam "as luzes, o conhecimento, o saber, o pensamento racional, a educação. Mas para isso, essa personalidade excepcional deverá ter um poder extraordinário para poder, de cima para baixo, quebrar, romper o mecanismo das circunstâncias." (57) Este registro quem nos fornece é o sociólogo Michael Löwy, em sua obra Ideologias e Ciência Social, acrescen-

56 - Michael LÖWY. Ideologias e Ciência Social, p.18

57 - Ibidem, p. 18

tando: "Os enciclopedistas pensavam encontrar este indivíduo excepcional em alguns monarcas europeus que eram inteligentes, cultos... estes personagens são conhecidos na história do século XVIII como **déspotas esclarecidos**"[grifo meu] (58).

Esta filosofia avançou pelo século XIX, alcançando o que o mesmo Löwy chama de "primeiros comunistas revolucionários"(59), cuja corrente ideológica defendia:

que todos os monarcas deveriam ser derrubados por revolução violenta, por uma revolução social. A questão era: mas quem iria fazer esta revolução? Não poderia ser o proletariado, os pobres, porque estavam condenados à cegueira... à ignorância... (60)

Na verdade, com o passar do tempo é que se veio constatar que "de fato havia os déspotas, não, porém, déspotas esclarecidos". (61) E dessa forma, apenas uma minoria de homens esclarecidos é que iria fazer esta transformação.

Estes pequenos grupos, dos quais Augusto Blanqui era o mais conhecido, fizeram várias tentativas para tomar o poder, todas, obviamente, fracassadas, posto que inevitavelmente eram enfrentamentos minoritários de pequenas organizações secretas contra o poder do exército, das classes dominantes.

Diante disto eles concluem: "é necessária uma força que venha de fora, de algum lugar exterior, uma figura ou conjunto de figuras excepcionais para transformr a sociedade". (62) Em oposição a este pensamento, surgem os neo-hegelianos (idealistas revolucionários, de um idealismo crítico dos discípulos de Hegel, para quem a luta para mudar a sociedade era uma luta espiritual, uma luta crítica. Diziam: "...se criticassem... as idéias egoístas da propriedade privada, chegariam a uma so

58 - Ibidem, p. 19

59 - Ibidem, p. 20

60 - Ibidem, p. 20-21

61 - Ibidem, p. 21

62 - Ibidem, p. 21

cidade diferente, de liberdade, igualdade, tolerância, democracia ou mesmo ao socialismo..." (63) Esta concepção parte então do pólo oposto ao da transformação social direta; parte da idéia de que:

a alavanca para a transformação social é o pensamento; são as idéias, as ideologias, as representações, ou melhor, a crítica às representações equivocadas, a crítica ideológica às ideologias, a crítica filosófica às filosofias, a crítica anti-religiosa das religiões, é que iriam transformar as estruturas económicas, sociais e políticas... (64)

Assim, o DILEMA entre os enciclopedistas do Iluminismo e os comunistas era:

modificar primeiro as circunstâncias para, como consequência, transformar a consciência ou modificar primeiro a consciência, o sujeito e suas ideologias, para depois transformar a sociedade [grifo meu]; este era um dilema entre o materialismo vulgar e o idealismo moral. (65)

Segundo Michael Löwy, foi Karl Marx quem veio superar tanto o materialismo francês (Iluminismo) quanto o idealismo alemão neo-hegeliano, apresentando o que ele chama de práxis revolucionária. Seria o não esperar-se que um indivíduo (ou grupo), supostamente fora da sociedade, transforme as circunstâncias, e nem tratar-se de se acreditar ingenuamente que a pregação moral ou crítica filosófica podem transformar a sociedade. Seria necessária uma ação revolucionária, uma prática revolucionária na qual iriam se transformar, simultaneamente, as circunstâncias, as condições sociais, as estruturas, o Estado, a sociedade, a economia, e os próprios indivíduos autores da ação. Seria a autolibertação trazendo a emancipação objetiva e subjetiva do homem.

63 - Ibidem, p. 21-22.

64 - Ibidem, p. 22

65 - Ibidem, p. 22

Wladimir I. Lenin, sucessor cronológico de Karl Marx, foi grande estudioso do assunto; ele dirigiu a restauração da economia russa após a guerra de 1917, tendo dado uma grande importância à educação no processo de transformação social que comandou. Moacir Gadotti diz dele:

Como primeiro revolucionário a assumir o controle de um governo, pôde experimentar na prática a implantação das idéias socialistas na educação. Acreditando que essa idéia deveria desempenhar um importante papel na construção de uma nova sociedade... (66)

A Lenin seguiu-se Makarenko e Gramsci, postulando também uma educação voltada para a equalização social.

Na obra acima citada, Gadotti mostra que outros pensamentos pedagógicos surgiram nessa época pós-revolução, como o Positivismo, o Escolanovismo depois, e mais tarde o fenomenológico-existencialista, dentre outros, já mais recentes. Note-se que a partir do pensamento pedagógico oriental até chegar ao brasileiro, Gadotti relaciona nada menos do que quinze escolas desse pensamento!

Diante da tamanha extensão no trato deste assunto, vemos que o progresso na prática educacional e na vida em sociedade é para ser pensado o quanto realmente evoluiu...

VI - O ENSINO DA RELIGIÃO NO BRASIL

1. Do Brasil-colônia à República

A característica da religiosidade do brasileiro dispensa comentários. O Cristianismo (à luz do Catolicismo Romano) foi trazido para o Brasil visando a educação do povo, pelos jesuítas, em 1549.

Em 1822 ocorreu nossa independência e em 1827 foi promulgada nossa primeira legislação educacional, que rezava no seu artigo 69: "...Os professores(...)ensinarão os princípios da moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos..."

1879 é o ano que marca pela primeira vez o caráter laico de nossa educação, e o ensino religioso "apenas para aqueles que o desejassem". (67)

Arnaldo Niskier, em Educação Brasileira, diz que no início do período republicano os positivistas sempre reagiam à questão do ensino religioso e que o Governo Provisório é que o tornou facultativo nos cursos primário, secundário e normal. (68)

Com o advento da República em 1889, tivemos nossa primeira Constituição, já estabelecendo a educação em caráter leigo.

A partir da Constituição seguinte, 1934, a matéria se tornou de ensino obrigatório, sendo facultado ao aluno matricular-se ou não. Na Constituição subsequente, 1946, passa a constar a ressalva do respeito à confissão religiosa de cada aluno, permanecendo inalteradas suas características básicas até hoje.

2. A influência dos pensamentos modernos em nossa educação

É de domínio geral o conhecimento de que a cultura brasileira, desde os seus primórdios, vinha sendo caracterizada meramente pelo

67 - Arnaldo NISKIER. Educação Brasileira, p. 159

68 - Ibidem, p. 249

espírito literário e livresco. E as idéias de Augusto Comte aqui encontraram campo fértil, primeiramente na Escola de Medicina e na Escola Militar, em 1850, conquistando as gerações mais novas dos militares". (69) Em 1870 ela "deixa a academia e passa a interferir na política" (70), inclusive, contando também como seu adepto o célebre Ruy Barbosa.

Na primeira reforma da legislação escolar feita por Benjamin Constant, esta característica recebeu influências fortemente positivistas, fato este que viria influenciar também, desde então, a visão prática escolar a ser adotada em nosso país.

3. Fatores que nos têm "educado" na atualidade

Há três décadas que a televisão entrou na vida do povo brasileiro, e podemos dizer que nos últimos vinte anos este veículo de comunicação tem tido participação decisiva nos hábitos, nos costumes, na visão de mundo, e até nas crenças (porque não, credices) de nosso povo. Tem sido bem mais do que formador de opinião.

A filosofia adotada, segundo se pode constatar, é a do materialismo (viver o tempo presente da melhor maneira, e o quanto antes, sem se ater a questões de moral). A TV tem sido o veículo principal que ensinou e continua ensinando às crianças e jovens toda sorte de violência (em família, no trato social, nas ruas) tanto pela agressão física com e sem armas, quanto por meio da exploração do sexo, envolvendo a todas as faixas etárias sem o menor constrangimento, além de promover o mundo das drogas.

A televisão e a imprensa que têm maior penetração no país, quando se dedicam a divulgar algo relacionado ao aspecto místico da vida, é para ensinar adivinhações (astrologia), simpatias, o ocultismo e superstições de toda sorte, sem se preocupar com a questão do verdadeiro fundamento do que se ensina.

69 - Fernando de AZEVEDO. A Cultura Brasileira, p. 612

70 - Antonio REZENDE. Curso de Filosofia, p. 129

Por outro lado, muitos são os que, certamente atendendo à inclinação de sua natureza, têm optado pela busca de uma experiência mística nas religiões, ou, pelo menos, têm se identificado com alguma denominação religiosa.

4. O ensino religioso hoje

Sem levar em conta o quê tem sido ensinado, sabemos que o programa adotado pelas diversas escolas públicas do Rio de Janeiro, ao menos teoricamente, é: a Criação do mundo, a vida do povo hebreu, as leis de Moisés e a vida de Cristo, em termos gerais.

No aspecto prático, segundo informações colhidas na Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro, a ministração das aulas de religião sempre foi feita com dificuldades. À luz do que o professor Moisés Farias, um dos responsáveis pelo ensino de religião na rede pública de nosso Estado, nos relatou, percebemos as seguintes dificuldades:

- o ensino de religião exige que o professor tenha dom para o seu exercício;
- a rede escolar não tem disponibilidade ou condições para manter um professor em cada colégio;
- há o problema das confissões religiosas diferentes, de modo que, um professor em cada instituição escolar, ainda não resolveria o problema;
- geralmente a direção da escola toma um professor de outra cadeira para lecionar religião, mas são muito poucos os que se dispõem a tal, por entenderem não possuir o dom para isto. (e, naturalmente, o devido preparo);
- há diretores que não têm esta visão, e acham fora de propósito lecionar religião na escola; seria tarefa das igrejas, apenas;
- acrescente-se a isto o fato de muitos pais de alunos não admitirem que seus filhos tenham instrução religiosa — de certa for-

ma, diríamos, com justa razão, por causa de preconceito adquirido em razão de os grupos religiosos que se destacam fazendo uso da Bíblia, são, em geral, formados por pessoas de poucos recursos culturais. Desta maneira, o uso deste Livro fica associado pobreza, incultura, necessidades, além do fato de a religião ser utilizada como instrumento de dominação. Aliás, exatamente pelo uso "politiqueiro" da religião, que compromete o próprio nome do Cristianismo, que sempre se fez na história, é que encontramos o caso do protesto do Barão de Holbach, um ateu do século XVIII, que afirmou:

'Tudo aquilo que foi dito até agora prova de modo mais claro que a religião cristã é contrária à ação política e ao bem-estar das nações; é uma invenção dos tiranos e a arte de embriagar os homens com entusiasmo para impedi-los de se ocuparem dos males com que os governantes os atormentam cá embaixo.' (71)

1. Rebuscando os exemplos da Antigüidade

A história é pródiga em mostrar que as religiões da Antigüidade, em geral, tinham características nacionalistas, de modo que serviam como referencial do elo de união de cada povo quanto a seus ideais, seus propósitos, seus anseios mais íntimos, o que contribuía para a paz dentro de seu próprio território. Evidentemente que dificuldades sociais de ordem interna ocorriam, como sói acontecer em toda sociedade humana, mas não chegavam a constituir problema de grande monta. A presença da violência ocorria talvez inconscientemente, pois não era vista como tal quando destinada a satisfazer às exigências da religião, como por exemplo, o auto-flagelo e os sacrifícios humanos em geral. A atitude de agressão ocorria propositadamente apenas em caso de confronto com outras tribos, outros povos, ideologias divergentes, como já mencionado anteriormente.

2. Motivos identificados que têm sido geradores de violência

Isaac Newton, matemático, físico, filósofo e astrônomo inglês, afirmou que a toda ação corresponde uma reação de igual proporção e em sentido contrário (72). O problema social que temos vivido, da marginalização de uma grande camada da sociedade, sem dúvida que é resultado de uma perversa política educacional, e equivaleria à reação à ação anteriormente iniciada. A manutenção da ~~estratificação~~ estratificação social sem oferecer chance aos inferiorizados, estaria agora mostrando os seus resultados.

Claudius Ceccon declara que de cada 10 alunos do primeiro grau das escolas públicas brasileiras, um apenas chega à oitava série! Para ele as crianças pobres são, em sua maioria, ex-

pulsas da escola, sem qualquer qualificação, sem ter aprendido nada de útil para sua vida e seu trabalho. Afirma Ceccon que "as crianças que moram na periferia das grandes cidades e nas zonas rurais têm que aprender a se virar sozinhas..." (73). Adiante, o autor lembra que este drama faz com que as crianças vão se resignando a um fracasso que vai marcar o resto de suas vidas.

Dermeval Saviani é outro escritor que fala da escola como estando longe de ser um instrumento de equalização, sendo, pelo contrário, um fator de marginalização, "convertendo os trabalhadores em marginais" (74)

Linhas atrás descrevemos a definição de Religião, de Garrison, em que ele fala de fé comum, respeitabilidade e dever para com a probidade e a justiça. Temos assim, diante de nós dois opostos: a escola que, segundo Saviani, vem exercendo papel inverso do que deveria na sociedade, e o ensino religioso conforme Garrison, que poderia ajudar grandemente na nossa vida social e, no entanto, não recebe a atenção que precisa ter!

3. Religião e violência: haverá relação?

Na definição de Sir James Frazer estivemos vendo que religião é "a propiciação o conciliação de poderes superiores ao homem", o que significa "a crença em poderes maiores do que o ser humano e o desejo de agradar a esses poderes". Vimos também que a religiosidade sempre foi característica de nossa natureza ao longo da história, e que seu exercício implica, inclusive, no bom funcionamento psicológico do homem.

Estivemos considerando ainda Frank S. Hickman, para quem a religiosidade humana exige a manifestação da vontade.

73 - Claudius CECCON e Outros. A Vida na Nescola e a Escola da Vidã, p. 17

74 - Dermeval SAVIANI. Escola e Democracia, p. 74

Isto estende diante de nós dois fatos: por um lado nossa inclinação religiosa inata, e por outro, a dependência de motivação por parte dessa inclinação.

Ora, se considerarmos que são os estímulos que despertam a vontade, estes, uma vez empregados, podem ser ou não adequados, mas de uma ou outra forma, cumprirão o seu papel. Estímulos inadequados só poderão provocar respostas inadequadas (por exemplo, no caso da religião: a auto-alienação, as manifestações extravagantes, e até as atitudes loucas e inconseqüentes como os casos que a história registra de sui cídio coletivo).

Consideremos agora que, se temos em nós mesmos uma incli nação natural para a religiosidade e ela não é motivada, acabará por aflorar de algum modo, e por isto mesmo se espalha com facilidade muito misticismo.

Atualmente em nosso país, a grande maioria não tem uma formação religiosa adequada. As crianças e os jovens de hoje não têm uma formação estruturada ao menos sobre a Pessoa de Deus, tal como ela nos é revelada pelo Cris tianismo. Assim, não o temem: nem pelo respeito, e nem — ainda que fosse — pelo medo.

Lembremo-nos de que na Renascença, ao se perceber a mani pulação que se fazia em nome da Religião, a reação reversa passou a usar palavras como despotismo, revolução, evidentemente resultantes de ausência de temor a Deus. Seria a reação newtoniana...

É preciso enfatizar ainda que os meios de comunicação de massa contribuem para esta ignorância. A vida dos personagens das obras para a TV não têm relação séria com a divindade, pelo contrário, fomenta-se sua ignorância, recheada da violência que bem conhecemos.

Finalmente consideremos que, se em nome da religião se conseguiu, como vimos também, controlar por milênios, nações inteiras, é evidente que sua presença, sua influência produz a pacificação. É desnecessário dizer, entretanto, que jamais se justificariam os horrores praticados ao longo da história, em seu nome, mas temos que reconhecer o seu valor.

Assim, vemos na sociedade uma relação proporcionalmente inversa entre a presença da influência religiosa e a violência nos moldes urbanos. Não é pela estratificação social exclusivamente, pelo contrário, pela falta de temor a Deus.

A crescente onda de insensibilidade em que vivemos não está na confrontação riqueza versus pobreza, mas sim, na razão direta do afastamento do homem, como dissemos antes, do temor a Deus (ainda que este temor se manifestasse com concepções diferentes entre si).

Uma vez que se compreenda a imprescindibilidade do ensino religioso nas nossas escolas, é necessário saber o quê ensinar, e por quê. É sobre isto que pretendemos discorrer neste capítulo, acrescentando, sem favor, o como.

1. O Cristianismo: a opção correta

À primeira vista poderá parecer que uma proposta de se ensinar a doutrina cristã nas escolas, de modo mais intenso, com o propósito de transmitir seu conteúdo às crianças e jovens, seria uma ameaça de retorno à Idade Média, visto que naquela ocasião, em nome do Cristianismo se mantinha as sociedades sob controle pelo medo, pela ameaça de excomunhão ("fora da Igreja não há salvação"), por ameaça de fogo do inferno e castigo eterno.

Adiante procuramos mostrar, ainda que suscintamente, o que é o Cristianismo, seu fundamento e sua influência através da história.

1.1. O que é o Cristianismo?

Temos que reconhecer que a religião cristã, desde o seu surgimento, se tornou um poder mundial, chegando a ser "três vezes maior em número de adeptos do que seu rival mais próximo". (75) J. Kennedy é um escritor que lembra que os resultados desta pregação foram contra todas as expectativas, por se tratar da "proclamação da morte de um carpinteiro de Nazaré a respeito de quem se reivindicava ser o Criador do mundo". (76) É como se hoje aparecessem missionários na Europa e nos Estados Unidos dizendo que um camponês obscuro foi morto na Pérsia, e que vivera de novo e que seria ele o Criador do mundo. Quais as chances

75 - D. James KENNEDY. Por Que Creio?, p. 90

76 - Ibidem, p. 90

de uma pregação desta produzir resultados? Os que portavam esta mensagem tiveram que vencer toda sorte de oposição e a mais severa perseguição, inclusive de imperadores, como foi no caso de Juliano, o apóstata, que, a despeito de ter derrubado o Cristianismo e ter restabelecido as religiões romanas e pagãs, não conseguiu resultado em seu intento, muito embora os cristãos não contassem com nenhum poder político, econômico ou intelectual a seu favor.

Uma vez oficializada a religião cristã no Império Romano, sob Constantino em 313 d.C., cessaram as perseguições. E a partir daí a situação religiosa começou a ganhar uma nova roupagem: o Cristianismo oficializado passou a ser mesclado com práticas estranhas que acabaram sendo "cristianizadas". A respeito, assim afirma o historiador Jesse L. Hurlbut: O papa Gregório "desenvolveu certas doutrinas na igreja romana, especialmente a adoração de imagens, o purgatório, a transubstanciação..." (77), em fim, o que veio descaracterizar a doutrina original. A Igreja passou a adotar a tradição como autoridade, "paralelamente" às Escrituras.

Diante disto, os grupos conservadores que não admitiam tal procedimento é que passaram a ser perseguidos pela própria Igreja então estabelecida, perseguição esta que perdurou por toda a Idade Média, e cognominada de "Santa Inquisição". A Enciclopédia Barsa, sobre este movimento afirma: "...suas origens remontam ao século IV, a partir de quando começaram a ser perseguidos os que faziam oposição ao credo católico..." (78)

Em 1517 ocorreu o levante de Martinho Lutero, que rompeu com o clero papal.

77 - Jesse Lyman HURLBUT. História da Igreja Cristã, p. 100

78 - Enciclopédia BARSA, p. 297

Atualmente, como se sabe, um sem número de nomes diferentes caracterizam os muitos grupos denominacionais do Cristianismo, sendo praticamente todos divergentes entre si em algum ou alguns pontos de doutrina, porém unos e harmônicos quanto à aceitação de sua regra de crença e conduta: todos aceitam única e exclusivamente a autoridade da Sagrada Escritura hebraico-cristã.

1.2. Por que ter a Bíblia como fundamento da Religião?

Isaac Newton disse que "há mais indícios seguros da autenticidade da Bíblia do que em qualquer história profana". (79)

Todos os eruditos sobre a Bíblia reconhecem a sua singularidade diante de outras quaisquer obras. Ela foi escrita por cerca de 40 homens, cobrindo um período de cerca de 1600 anos; homens de todas as classes sociais e níveis intelectuais a escreveram (de pastor de gado a rei, de pescador a juiz), que viveram em lugares distantes de três continentes, e escrevendo em duas línguas principais, sendo que em muitos casos os autores nada sabiam sobre o que o outro havia escrito; os períodos foram completamente diferentes na história de seu povo. Ela trata de assuntos variadíssimos, tendo partes escritas em prosa, em poesia, drama, romance, além de partes históricas e religiosas, ora dedicando-se às coisas atuais, e ora às futuras. (80). Seu último livro foi escrito há quase dois mil anos, e apesar de todo avanço tecnológico por que o mundo tem passado, esta obra se mantém una, indivisível, inabalável em suas declarações e afirmações.

Bem afirmou Paul E. Little: "A Bíblia não mudou em 8.000 anos, mas pode-se afirmar que a ciência, sim, é um

79 - H.H. HALLEY. Manual Bíblico, p.18

80 - Antonio Neves de MESQUITA. Estudo no Livro de Gênesis, p. 21

trem em contínuo movimento" (81)

Embora não seja um livro que tenha sido escrito com preocupações científicas, ela é precisa em tudo o que diz, abrangendo a natureza humana na sua inteireza, além de geografia, história, a ciência em geral. É ainda P. E. Little quem diz:

"Um grande historiador, Dr. John H. Gersther, disse que os historiadores sabem quão difícil é prever o futuro, porque as engrenagens do futuro geralmente se baseiam no "se". Mas, e a Bíblia? No Velho Testamento apenas, existem duas mil predições de fatos — não apenas umas poucas adivinhações baseadas na sorte... e nem 'vagas generalidades'... em centenas de casos a profecia se cumpriu séculos após a morte de quem profetizou (82)

Little diz ainda que mais de 25 mil sítios arqueológicos relacionados com a Bíblia foram descobertos (83), e mais adiante ele afirma:

No seu livro Deus, o Átomo e o Universo, James Reid declara: "A ciência está preparando uma surpresa para aqueles que têm dúvidas sobre a Bíblia e sobre o Deus da Bíblia. Virá também uma surpresa para aqueles que se submetem à idéia errônea de que a ciência diminui o valor da Bíblia (84)

1.3. O Cristianismo através da história

É necessário que se registre que a política escravagista marcou de modo muito profundo a algumas nações. E isto fez com que estas nações (mesmo as que haviam optado pelo protestantismo) mantivessem o escravismo com todo o seu rigor, como foi o caso da Inglaterra, que mais tarde, sob a ação de Wilberforce, corrigiu esta distorção, como adiante veremos.

81 - Paul E. LITTLE. Saiba o Que Você Crê, p. 19

82 - Ibidem, p. 22

83 - Ibidem, p. 24

84 - Ibidem, p. 27-28

Um outro ponto a ser considerado:

A concepção atual de que o progresso é seguido sempre da iniciativa humana, é recente, e associada ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia. O escritor Reynaldo Purim declara: "...o progresso tem sua origem, direta ou in diretamente, na influência do Cristianismo..." (85)

Senão, vejamos:

Na Roma antiga era comum a luta entre gladiadores, o que era um espetáculo violento, ocasião em que um lutador teria que morrer, assistido pela multidão expectadora. Este espetáculo teve seu fim a partir da influência do Cristianismo no Império (86). Outro exemplo que é preciso ser lembrado é o da criança, que hoje é respeitada e amada; não era assim antes da Era Cristã. "Quintiliano, o escritor romano, disse que (...) quando alguém matava seus próprios filhos, isso era considerado às vezes uma bela ação entre os romanos" (87). Era comum crianças recém-nascidas serem abandonadas expostas às feras.

Duas situações mais, vale a pena mencionar: a da mulher, que era discriminada, tinha pouco valor até o advento do Cristianismo. Jesus Cristo dignificou também a mulher. Os escritos do hinduísmo, os escritos bramânicos, declaram que a mulher não foi feita para a independência (88) até que o Cristianismo tudo mudou. E, por último, vamos ver também a situação do escravo. Diz J. Kennedy: "A metade do Império Romano era de escravos. A cidade de Atenas tinha quatrocentos mil habitantes, dos quais (...) trezentos mil eram escravos (89). Paulo, o apóstolo cristão, trata do assunto do trabalho escravo em uma de suas cartas: Filemom 15-16. E a influência do Cristianismo pôs fim à escraavidão naquela época.

85 - Reynaldo PURIM, Jesus Cristo no Panorama da História, p. 55

86 - D. James KENNEDY, Por que Creio?, p. 89

87 - Ibidem, p. 92

88 - Ibidem, p. 92

89 - Ibidem, p. 92

É fato que a utilização do trabalho escravo voltou a ocorrer nas sociedades, como sabemos, e foi a partir de "um ano antes da Reforma Protestante de 1517, e isto na Espanha e Portugal. Era a escravidão dos recém-descobertos negros".(90) Em princípio, nações onde predominava o protestantismo a utilizavam, mas depois foi abolida a partir do Império Britânico, por um primeiro-ministro que se tornou protestante, William Wilberforce, e daí se estendeu para os Estados Unidos da América.

Todos estes fatos, é certo, corroboram a afirmativa de que o Cristianismo, ao invés de servir de ideologia de manipulação, como sempre se fez e faz na história, é a doutrina que traz liberdade, libertação, e não medo!

1.4. O Cristianismo em face a outras grandes religiões mundiais

Linhas atrás estivemos vendo características de diversas grandes religiões.

Neste ponto destacaremos o fato de que muitos hoje procuram reduzir ao mínimo as diferenças entre o Cristianismo e as demais grandes religiões. A intenção parece ser nivelá-lo às outras. Mas, como já visto antes, sua característica é singular.

Ainda sobre isto, vejamos o que diz D.James Kennedy:

Em todos os escritos de Buda, Confúcio ou Lao-Isé, você não encontrará uma única predição de coisas a acontecerem no futuro (91)

E outro autor, Roque M. Andrade, assegura:

90 - Ibidem, p. 90

91 - Ibidem, p. 11

Recorrendo aos dados biográficos que a história universal e a da civilização registra, sabe-se que Maomé se tinha como profeta de Alá, [mas] nunca se pretendeu original... (92)

Às recentes descobertas de acervos literários de diversos povos, os pesquisadores procuram divinizar. Mas o que se tem revelado é que: os de tribos primitivas são sempre animistas; os egípcios, trazem concepção idolátrica; outros há que dão o título de sagrados a documentos encontrados, ou por questão de cortesia ou para não serem hostilizados no território onde pesquisam. (93)

São muitas as evidências que mostram o Cristianismo peculiar desde sua origem. E nós somos privilegiados porque, de certa forma, o herdamos. É preciso considerar o que temos feito com esta herança.

2. O quê ensinar da doutrina cristã

Se partirmos do princípio de que a Escritura é a única autoridade sobre a qual está fundamentado o Cristianismo, compreenderemos que ela mesma deve fornecer todo o material para ensino, a partir do Antigo Testamento.

Abaixo sugerimos o que pode ser utilizado:

2.1. A história da Criação; a Queda do homem; as leis de Deus

Aqui temos a narrativa da origem do Universo e do homem, bem como o rompimento das relações deste com o seu Criador, e, conseqüentemente, as leis para lhe disciplinar a vida.

92 - Roque M. ANDRADE. A Superioridade da Religião Cristã, p. 42

93 - Ibidem, p. 48

2.2. Os Salmos

Estes, por se tratar de poesia, abrangendo diversas facetas do relacionamento da criatura com o Criador. Fala de adoração, confissão, súplicas e profecias.

2.3. Os Provérbios de Salomão

Estes contêm lições práticas para a vida pessoal, em família e na coletividade; fala na diligência no trabalho e na importância da busca da sabedoria.

2.4. Os Evangelhos

Goethe, poeta alemão do séc. XVI, disse:

"Continue avançando a cultura intelectual; progridam as ciências naturais sempre mais em extensão e profundidade, expanda-se o espírito humano tanto quanto queira; além da elevação e da cultura moral do cristianismo, como ele resplandece nos evangelhos, é que não irão." (94)

Através dos evangelhos a vida e a obra de seu protagonista, além de seus ensinamentos, que projetam para o ser humano a visão da eternidade de modo prático por meio de suas lições, se tornam conhecidos, bem como a resposta ao antes insondável problema da vida e da morte. Aqui o espírito humano só tende a crescer na compreensão dos valores espirituais da vida.

2.5. Os profetas e as cartas apostólicas também contêm riquíssimas lições bem acessíveis à mente juvenil.

3. Quem deveria ensinar, e como ensinar?

3.1. Quem ensinar?

A adequação e o preparo do professor são indispensáveis

em qualquer disciplina, todos sabemos. Aqui não se trata de ensinar só conteúdo, mas também transmitir vida, vivência, experiência, relacionamento com o que está sendo ministrado. E neste caso, professores-teólogos são os indicados, porque (pressupõe-se) são vocacionados.

3.2. Como ensinar?

O professor da disciplina terá a preocupação de contextualizar sempre a vida do aluno com as realidades que o cercam: seus anseios, sonhos, alegrias, tristezas, medos, etc. Há provérbios, parábolas, sermões, narrativas, enfim, uma riqueza de material bíblico que fala a qualquer necessidade humana. Jornais, revistas e a TV fornecem material abundante para se aprender, bem como a própria vida dos alunos.

Vê-se que não há necessidade de uma palestra para cada turma. Em razão da carência de professores, uma única palestra pode ser ministrada a um colégio inteiro ou parte dele. Isto permitiria a um professor atender a uma série de estabelecimentos.

Na ausência deste profissional, um outro recurso é transmitir os ensinamentos bíblicos concomitantemente com o ensino da língua, em: leitura silenciosa, leitura interpretativa, sinônimos, figuras de linguagem, "decoreba" visando o treinamento da memória (provérbios), e ainda, a teatralização.

4. Por que ensinar-se conteúdo religioso nas escolas e não só nas igrejas

4.1. Porque o ensino na escola conta com a presença obrigatória da criança (e do jovem)

Nas aulas específicas de conteúdo, será indispensável o dinamismo do professor, que pode contar com o auxílio de instrumentos como slides e filmes.

(Note-se que o aluno não será obrigado participar das aulas — na verdade, deveria! — mas até mesmo cânticos afins e, eventualmente, momentos de humor tornam a aula atraente.

4.2. Porque a tarefa da escola é educar a criança integralmente

Ezequiel T. de Souza, falando da função da escola, diz que ela "deveria preocupar-se fundamentalmente com a transmissão/aquisição de conhecimentos, de técnicas e instrumentos de trabalho, de valores e normas de comportamento etc., visando à educação das novas gerações..."(95)

De fato, quando se fala em transmissão de conhecimentos, inclua-se aí para o homem integral, isto é, um conhecimento que abranja seus valores espirituais.

Um ensino que transmita à criança a concepção de sua filiação a um Criador eterno, naturalmente deverá dar à sua vida um significado maior do que fazê-lo descendente de um símio! (Esforçamo-nos para não dizê-lo por pre conceito; a teoria darwiniana continua na teoria...)

O conceito de universo criado propositadamente (e não casualmente evoluído, e todo o propósito divino configurado nos ensinamentos de Jesus nos evangelhos, além de não deixar o ser humano "perdido no espaço", fá-lo entender o significado da vida.

Acrescente-se a isto o fato de que com uma educação

95 - Ezequiel Teodoro da SILVA. O Professor e o Combate à Alienação Imposta; p. 62

integral, o homem jamais será um alienado, e nem um re voltado (o que também é muito importante!) Ele estará mais perto de compreender com profundidade a natureza humana e seus problemas. Isto o levará a reivindicar dentro de um clima de paz; e se a ele competir atender a reivindicações, melhormente saberá ponderar. Afinal, este é, de fato, o espírito bíblico, o espírito cristão.

4.3. Porque o Cristianismo é, das grandes religiões, a que conhecemos.

Por si mesma, a declaração de que devemos optar pelo Cristianismo porque é o que melhor conhecemos, não é válida. Mas, uma vez que reconhecemos o seu real valor, e aliando a isto o fato de que sua mensagem central e outras importantes doutrinas são do conhecimento geral da população, grande parte da caminhada já es tará realizada.

CONCLUSÃO

A relevância do tema deste trabalho, cremos que tenha ficado suficientemente delineada, tanto pelo assunto em si, em sua relação com a natureza humana, quanto pelo enorme prejuízo que vimos sofrendo, toda a sociedade, pela falta da seriedade com que ele tem sido tratado.

De toda maneira, tendo apresentado definições, a história e teorias da religião, e em seguida suas implicações na natureza humana, desde a Antigüidade, e a mudança de concepção do homem, na história, em relação ao tema, até nos defrontarmos com o insolúvel dilema: modificar antes as circunstâncias para que houvesse transformação da consciência, ou vice-versa.

A seguir, citamos o ensino da religião do Brasil, com toda sua precariedade (usando como modelo a cidade do Rio de Janeiro), divisando nisto um dos motivos pelos quais vivemos em meio a tantos conflitos sociais.

Ao final, sugerimos o zelo que deve ser dado no ensino de religião aos nossos estudantes, e neste caso, o Cristianismo, pela sua peculiaridade de origem, seu fundamento, sua influência na história e os ensinamentos que contém.

Em meio ao desenvolvimento do trabalho registramos a característica do Cristianismo, que é a da não confrontação física que gera a agressão.

Não poderíamos deixar também de destacar, como fizemos no final, que ensinar a doutrina cristã não é sinônimo de alienar, de desinteressar. Uma sociedade que emergja devidamente estruturada nos moldes cristãos, antes de mais nada, bem pouco terá a reivindicar porque, certamente, muitas das clamorosas injustiças com as quais convivemos, desaparecerão, dada a conscientização de seus próprios governantes e cidadãos.

A educação do homem integral não pode prescindir do seu es-

pírito. Por isto, urge que se faça alguma coisa concretamente a este respeito, e, conforme entendemos, no Cristianismo, e não Cristianismo bíblico está a resposta.

BIBLIOGRAFIA

- A Bíblia Sagrada. Trad. de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1977.
- ANDRADE, Roque Monteiro de. A Superioridade da religião cristã: elementos apologeticos. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.
- Atlas da história universal - O Globo, Empr. Jornalística Brasileira Ltda., Rio de Janeiro, 1995.
- AZEVEDO, Fernando de. A cultura brasileira — Introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4ª ed. Editora Universitária de Brasília, 1963.
- BELLO, Ruy de Ayres - Pequena história da educação. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora do Brasil, 1961.
- CECCON, Claudius e Outros. A vida na escola e a escola da vida. Petrópolis: Ed. Vozes, 1982.
- Enciclopédia Barsa, 1993.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Básico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- GARRISON, Karl C. e Outros. Psicologia da criança. São Paulo: IBRASA, 1971.
- GADOTTI, Moacir. História das idéias pedagógicas. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- HALLEY, H. H. Manual Bíblico, um comentário da Bíblia. São Paulo: Editora Vida Nova, 1970.
- HURLBUT, Jesse Lyman. História da igreja cristã. Editora Vida, 1970.
- KENNEDY, D. James. Por que creio? Rio de Janeiro: JUERP, 1990.
- LEITE FILHO, Tácito da Gama. Ateísmo. Rio de Janeiro: JUERP, 1988.
- LITTLE, Paul E. Saiba o que você crê. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 1976.
- LÖWY, Michael. Ideologias e ciência social - Elementos para uma análise marxista. 5ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 1989.
- MESQUITA, Antonio Neves de. Estudo no livro de Gênesis. 4ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.
- NISKIER, Arnaldo. Educação brasileira - 500 anos de história, 1500-2000. Rio de Janeiro: Ed. Melhoramentos, 1989.
- PEDRO, Antonio e CÁCERES, Florival. História Geral. 2ª ed. Editora Moderna, 1985.
- PURIM, Reynaldo. Jesus Cristo no panorama da história. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

- REZENDE, Antonio, organizador. Curso de filosofia. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1989.
- ROSA, Merval. Psicologia da religião. Rio de Janeiro: JUERP, 1971.
- SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. 24ª ed. São Paulo: Ed. Cortez.
- SILVA, Ezequiel Theodoro de. O professor e o combate à alienação imposta. São Paulo: Ed. Cortez, 1989.

APÊNDICE

Frases Notáveis a Respeito da Bíblia (*)

Abraham Lincoln: "Creio que a Bíblia é o melhor presente que Deus já deu ao homem. Todo o bem, da parte do Salvador do mundo, nos é transmitido mediante este livro."

W.E.Gladstone: "Dos grandes homens do mundo, meus contemporâneos, tenho conhecido noventa e cinco, e destes, oitenta e sete foram seguidores da Bíblia. A Bíblia assinala-se por uma peculiaridade de Origem. Uma distância imensurável separa-a de todos os outros livros."

George Washington: "Impossível é governar bem o mundo sem Deus e sem a Bíblia."

Napoleão: "A Bíblia não é um simples livro, senão uma Criatura Vivente, dotada de uma força que vence a quantos se lhe opõem."

Rainha Vitória: "Este livro dá a razão da supremacia da Inglaterra."

Daniel Webster: "Se existe algo nos meus pensamentos ou no meu estilo que se possa elogiar, devo-o aos meus pais que instilaram em mim, desde cedo, o amor pelas Escrituras. Se nos ativermos aos princípios ensinados na Bíblia, nosso País continuará prosperando sempre. Mas se nós e nossa posteridade negligenciarmos suas instruções e sua autoridade, ninguém poderá prever a catástrofe súbita que nos poderá sobrevir, para sepultar toda a nossa glória em profunda obscuridade".

Thomas Carlyle: "A Bíblia é a expressão mais verdadeira que, em letras do alfabeto, saiu da alma do homem, mediante a qual, como através de uma janela divinamente aberta, todos podem fitar a quietude da eternidade, e vislumbrar seu lar longínquo, há muito esquecido."

John Ruskin: "Qualquer que seja o mérito de alguma coisa escrita por mim, deve-se tão só ao fato de que, quando eu era menino, minha mãe lia todos os dias para mim um trecho da Bíblia, e cada dia fazia-me decorar uma parte dessa leitura."

Charles A. Dana: "O grandioso velho Livro ainda permanece; e este mundo velho, quanto mais tiver suas folhas volvidas e examinadas com atenção, tanto mais apoiará e ilustrará as páginas da Palavra Sagrada."

Ferrar Fenton: "Nas Escrituras hebraico-cristãs temos a única chave que abre para o homem o Mistério do Universo e, para esse mesmo homem, o Mistério do seu próprio eu."

Thomax Huxley: "A Bíblia tem sido a Carta Magna dos pobres e oprimidos. A raça humana não está em condições de dispensá-la."

W.H.Seward: "Toda a esperança de progresso humano depende da influência sempre crescente da Bíblia."

Patrick Henry: "A Bíblia vale a soma de todos os outros livros que já se imprimiram."

U.S.Grant: "A Bíblia é a âncora-mestra de nossas liberdades."

Andrew Jackson: "Este livro, senhor, é o rochedo no qual se fundamenta a nossa república."

(*) HALLEY, H.H. Manual Bíblico, p.17

Robert E. Lee: "Em todas as minhas perplexidades e angústias a Bíblia nunca deixou de me fornecer luz e vigor."

Lord Tennyson: "A leitura da Bíblia já de si é uma educação."

Horace Greeley: "É impossível escravizar mental ou socialmente um povo que lê a Bíblia. Os princípios bíblicos são os fundamentos da liberdade humana."

John Quincy Adams: "Tão grande é a minha veneração pela Bíblia que, quanto mais cedo meus filhos começam a lê-la, tanto mais confiado espero que eles serão cidadãos úteis à pátria e membros respeitáveis da sociedade. Há muitos anos que adoto o costume de ler a Bíblia toda, uma vez por ano."

Immanuel Kant: "A existência da Bíblia, como livro para o povo, é o maior benefício que a raça humana já experimentou. Todo esforço por depreciá-la é um crime contra a humanidade."

Charles Dickens: "O Novo Testamento é mesmo o melhor livro que já se conheceu ou que se há de conhecer no mundo."

Sir William Hersche: "Todas as descobertas humanas parecem ter sido feitas com o propósito único de confirmar cada vez mais fortemente as verdades contidas nas Sagradas Escrituras."

Sir Isaac Newton: "Há mais indícios seguros de autenticidade na Bíblia do que em qualquer história profana."

Goethe: "Continue avançando a cultura intelectual; progridam as ciências naturais sempre mais em extensão e profundidade; expanda-se o espírito humano tanto quanto queira; além da elevação e da cultura moral do cristianismo, como ele resplandece nos Evangelhos, é que não irão."

Henry Van Dyke: "Nascida no Oriente e vestida de formas e de imagens orientais, a Bíblia percorre as estradas do mundo inteiro, familiarizada com os caminhos por onde vai; penetra nos países, um após outro, para em toda parte sentir-se bem, como em seu próprio ambiente. Aprendeu a falar ao coração do homem em centenas de línguas. As crianças ouvem suas histórias com admiração e prazer, e os sábios ponderam-nas como parábolas de vida. Os maus e os soberbos estremecem com os seus avisos, mas aos ouvidos dos que sofrem e dos penitentes sua voz tem timbre maternal. A Bíblia está entretida nos nossos sonhos mais queridos, de sorte que o amor, a amizade, a simpatia, o devotamento, a saudade, a esperança, cingem-se com as belas vestimentas de sua linguagem preciosa. Tendo como seu esse tesouro, ninguém é pobre nem desolado. Quando a paisagem escurece, e o peregrino, trêmulo, chega ao Vale da Sombra, não teme nele entrar; empunha a vara e o cajado da Escritura; diz ao amigo e companheiro — "Adeus, até breve." Munido desse apoio, avança pela passagem solitária como quem anda pelo meio das trevas em demanda da luz."